



Revista de Comunicação e Linguagens

Vol. (2019)

ISSN 2183-7198 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.fcsh.unl.pt/index.php/rcl>

A performance como movimento de contra-monumentalização: Um olhar sobre o trabalho Demythologise that History and Put it to Rest

António Pedro Ramos Mendes

Como Citar | How to cite:

Mendes, A. P. R. (2019). *A performance como movimento de contra-monumentalização: Um olhar sobre o trabalho Demythologise that History and Put it to Rest*. *Revista De Comunicação E Linguagens*, (50), 161-169. Obtido de <https://revistas.fcsh.unl.pt/rcl/article/view/1521>

Editor | Publisher:

ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA

Direitos de Autor | Copyright:

Esta revista oferece acesso aberto imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

A performance como movimento de contra-monumentalização:

Um olhar sobre o trabalho *Demythologise that History and Put it to Rest*

Performance as a counter-monumentalization movement:

A look upon the project *Demythologise Work that History and Put it to Rest*

António Pedro Ramos Mendes

Universidade Nova de Lisboa /Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Ciências da Comunicação

antonioprmedes@gmail.com

Resumo

As preocupações sobre os espaços, e sobre os corpos que os ocupam, são desassossegos cada vez mais partilhados por quem vive neste momento de inquietações históricas. Aquilo que até aqui foi a História, tende a transformar-se em Histórias e, seguindo esta evolução, também as representações espaciais dessa narrativa oficial do passado, tendem a ser repensadas. Se grande parte da atenção de políticos, museólogos, historiadores, e antropólogos, tende a reincidir sobre questões de arquivo – a sua justa, ou não, apropriação, que futuro dar aos espólios dos grandes arquivos e museus da Europa, etc – sociólogos, artistas e activistas têm vindo a re-pensar outro tipo de memória, e de arquivo, o espaço público.

Este artigo propõe olhar para este movimento de contra-monumentalização, que vemos surgir como um fenómeno crescente no seio artístico, através de uma aproximação ao trabalho de Márcio Carvalho e o seu projecto *Demythologise that History and Put it to Rest*, o qual o artista tem vindo a desenvolver nas cidades de Berlim e Lisboa desde 2018.

Palavras-chave: contra-monumentalização; performance; espaço público; memória

Abstract

Concerns about spaces, and about the bodies that occupy them, are more and more becoming an unsettling thought shared by those who live in this moment of historical uneasiness. The History tends to turn itself into Histories and, following this evolution, also the spatial representations of this official narrative of the past, tend to be rethought. If a great deal of the attention of politicians, museologists, historians, and anthropologists, tends to recur on archival issues - their just or not, appropriation, what future to give to the spoils of the great archives and museums of Europe, etc. - sociologists, artists and activists have come to re-think other kind of memory, and file, public space.

This article proposes to look at this counter-monumentalization movement, which we see emerging as a growing phenomenon in the artistic world, through an approach to the work of Márcio Carvalho and his project Demythologise that History and Put it to Rest, which the artist has been developing in the cities of Berlin and Lisbon since 2018.

Keywords: counter-monumentalization; performance; public space; memory

Uma Europa de Praças e Esculturas

Essencial e incontornável à vida em sociedade em qualquer comunidade, o espaço público é um espaço de vivências, de encontros, de conversas e de memórias. A necessidade deste espaço de encontro e de convívio, na sua forma de praça, está presente na Europa desde os tempos do Império Romano, quando no planeamento base de qualquer cidade, os seus arquitectos concebiam o espaço de fórum como centro da vida pública para as cidades. Em todas as cidades europeias, encontramos até aos dias de hoje, representações destes espaços. No entanto, estes espaços públicos na Europa herdaram mais do que a sua aparência de fórum romano, mas também o seu papel de lugar de memória. Sendo estes os espaços públicos frequentados pelos cidadãos daqueles povos, estes foram desde as suas projecções, planeados também como espaços de exaltação e de homenagem aos grandes feitos históricos, e aos célebres personagens que os comemoravam. Assim, é fácil notar a apropriação destes espaços pelas mitologias e histórias oficiais, repetidamente consagradas na forma de monumentos ou esculturas que ocupam o centro destas praças.

Gradualmente, todos estes espaços foram sendo ocupados por mais do que comércio, conversas atribuladas ou passeios públicos, transformando-se em espaços de memória colectiva. Somos facilmente induzidos em erro quando ao falar de espaço público e de memória colectiva, pensamos em conceitos comuns a quem habita aqueles espaços, e que estes são habitados por todos os que daquela sociedade fazem parte. No entanto, observando estes espaços, e as memórias que em pedra e metal neles estão inscritas, será para todos claro que aquela história inscrita nos seus monumentos, nem a todos os que habitam o espaço diz respeito. Caso contrário, como poderíamos relacionar a enorme comunidade Turca presente há mais de um século em Berlim com as esculturas que encontramos pela capital alemã? De que forma é para a comunidade africana que vive o seu quotidiano junto à Praça D. Pedro IV a estátua deste mesmo rei português uma representação da sua memória colectiva?

É no seguimento de questões desta génese que o artista e curador Márcio Carvalho¹, baseado em Berlim desde 2008, desenvolveu o seu projecto *Demythologise That History and Put it to Rest*² de modo a performatizar uma prática dos espaços públicos de uma forma outra da que a que os Estados lhes conferem. As questões a partir das quais Carvalho nos propõe olhar para o seu projecto são-nos apresentadas no seu texto sobre o projecto:

Existirá uma incapacidade ou falta de interesse das instituições estatais de Lisboa e Berlim em lidar com as suas esculturas, monumentos, memoriais, nomes de ruas, e outras formas de memória colonial? Que entendimentos romantizados temos relativamente a estes objectos/espaços? De que forma podem artistas e projectos artísticos desmistificar as narrativas coloniais celebradas como glórias nacionais?³

Reivindicação dos espaços públicos. Uma outra ideia de europa

São vários os casos de reivindicação de espaços públicos que encontramos, cada vez mais, pelas cidades do Velho Continente. Estas acções, promovidas na sua maioria pelas denominadas “minorias sociais” dessas cidades, são já em suficiente número para que não as possamos mais desconsiderar e enviesar como actos isolados. Estes actos de ocupações de espaços de memória Europeus por aqueles que os habitam são ainda numa grande parte das vezes vistos como pequenas rebeliões oriundas – especialmente no caso de Portugal, mas também na capital alemã – de grupos de emigrantes, ou de “novos” grupos étnico-culturais que vão ganhando cada vez maior visibilidade nestas cidades.

Pensemos no caso da escultura de Padre António Vieira – por muitos visto como um dos impulsionadores do anti-esclavagismo, por outros um “esclavagista selectivo”⁴ – erguida em 2017 no Largo Trindade Coelho e todas as contestações que surgiram em torno da mesma, com movimentos pró e contra esta colocação de mais um traço da “memória europeia”. Veja-se ainda a reivindicação pela alteração do nome de algumas ruas na cidade de Berlim, tais como as que se têm promovido pelo movimento “Decolonising Berlin

¹ <http://marcio-carvalho.com/cvbio.html>

² <https://savvy-contemporary.com/en/events/2018/fragments-3-etongo/>

³ In <https://savvy-contemporary.com/en/events/2018/fragments-3-etongo/>

⁴ In <https://www.dn.pt/sociedade/interior/extrema-direita-impede-manifestacao-contra-estatuado-padre-antonio-vieira-em-lisboa-8823551.html>

Streets”⁵, com foco especial na Mohrenstrasse⁶ – situada no denominado “Bairro Africano” de Berlim. Quaisquer dos espaços dados aqui como exemplo são espaços públicos, espaços de memória, seja por neles encontrarmos esculturas figurativas de partes da história do povo que domina a cultura do país em questão, seja pelos nomes das ruas que podemos encontrar ao deambular pela cidade, também estes impostos pela cultura dominante, em muitos casos, nomes esses oficializados num período de contexto colonial europeu. Aquilo que de comum encontramos em todos estes casos, não só os aqui dados como exemplo mas ainda tantos outros em tantas outras cidades europeias, é uma preocupação transversal aos países em que os espaços públicos, os *lieux de mémoire*, em dar novas “memórias” e novas leituras aos espaços que por todos – e não apenas os “vencedores da história” – é partilhado e vivido.

Se é verdade que “a Europa é feita de cafetarias, de cafés”, como nos diz George Steiner na sua *Ideia de Europa*, assim como de nomes dos grandes personagens que a habitaram, ou ainda de comemorações de datas marcantes para a história europeia, esta é também feita de praças e largos. Não existe cidade europeia que não tenha uma praça no seu centro, mais comum do que não, com uma escultura de uma das figuras nacionais do país em que se encontram no seu meio. Mas se Steiner nos fala de cafés como espaços de tertúlia e de encontros, é no entanto, também importante referir a reflexão do mesmo autor que mais adiante na sua obra refere que “há um lado negro nesta soberania da lembrança, na autodefinição da Europa enquanto *lieu de la mémoire*(...) comemoram séculos de massacre e sofrimento, de ódio e de sacrifício humano” (Steiner 2015:33). Este é um ponto importante que gostaria de relacionar com a realidade que agora vivemos. Ainda que a obra tenha sido escrita em 2004, e portanto, não longe da realidade que se vive agora na Europa, o autor que faz um exercício de pensar a definição de Europa nessa data, em momento algum refere uma parte constituinte da origem de toda a história europeia após o século XV, o período colonial e o impacto que teve na formação deste continente.

Não deixa de ser interessante, um autor que pensa a Europa como um *lieu de mémoire*, tendo o cuidado de referir que este é também um lugar de apagamento e de esquecimentos brutais – quando por exemplo se refere aos massacres decorridos durante a 2ª Guerra Mundial e no pós-guerra – não deixa de adoptar uma visão imperativamente eurocêntrica, apagando também ele, a europa como um lugar de memórias de tantos outros povos que há

⁵ <http://www.carmah.berlin/reflections/decolonising-berlins-streets/>

⁶ Tradutível para a “Rua dos Mouros”.

mais de 5 séculos têm as suas histórias interligadas – definidas, refeitas ou adulteradas até – com a história dos países do Velho Continente.

É este apagamento constante e persistente com que nos deparamos, ainda hoje, em muitos dos mais considerados e importantes autores, assim como na celebração das datas comemorativas europeias, ou nos nomes que encontramos pelas ruas deste continente. Não será portanto estranho, que num momento em que a Europa, que nas últimas quatro décadas viu a sua população envelhecer e diminuir, e que se enche agora de mais e maiores vagas de migrantes que fogem a guerras – muitas vezes resultado deste mesmo passado colonial – veja agora os seus espaços públicos, esses espaços que já não apenas são frequentados pelas culturas dominantes, mas pelos dois lados dessa História, a ser postos em causa enquanto espaços que a todos podem servir. É precisamente no interpelar da História oficial que encontramos nestes espaços de memória que podemos encontrar cada vez mais artistas a desenvolver o seu trabalho.

O projeto *Demythologise That History and Put it to Rest* de Márcio Carvalho, artista português sediado em Berlim desde 2009, visa precisamente realçar os traços de força e imposição histórica que encontramos nas praças, nas ruas e nos jardins das cidades europeias, que levam ao apagamento de tantas outras culturas que convivem nesses mesmos espaços e que se vêm retiradas de um passado e da criação dos espaços do qual também fazem parte.

Não é fácil imaginar as diferenças que a Europa teria em si, na sua génese, nas suas ideias, na sua riqueza ou até no seu urbanismo e arquitectura, não tivesse esta subtraído desmesuradamente toda a riqueza material, espiritual, intelectual e humana aos países que sofreram a sua imposição colonial. O projecto que Carvalho desenvolveu em 2018 entre as cidades de Berlim e Lisboa, centra-se nesta troca injusta entre o que cada uma das partes contribuiu para o passado que vê, ou não, agora reconhecido nos grandes monumentos públicos.

É a pensar numa ideia de História multifacetada e partilhada por todos os que ocupam o espaço Europeu que Carvalho estrutura as performances realizadas nestes lugares de memória sempre num pensamento colectivo, convidando amiúde artistas de várias nacionalidades e culturas diferentes. Em Berlim, as três performances contaram com artistas Iraquianos, Camaroneses e Gaboneses, assim como a do artista português. Em Lisboa, o projecto reuniu artistas Angolanos, Moçambicanos e Portugueses. A ideia que Márcio Carvalho pretende concretizar com estas intervenções conjuntas

centram-se na ideia de que a História não é apenas dos vencedores, mas também dos vencidos, e que o espaço europeu é cada vez mais um espaço partilhado por ambos, devendo portanto os seus espaços públicos representar todos os que o habitam. Através de actos performativos, a intenção desde projecto é de utilizar as artes performativas como forma de lançar a discussão e de realçar a realidade destes espaços comuns. Assim, através da execução de performances que incorporam rituais africanos, gestos de intervenção activista, ou reinterpretações plásticas daqueles mesmos espaços, o artista português reuniu em torno das esculturas de Otto Von Bismarck em Berlim e de D. Carlos I em Lisboa um conjunto de artistas cujas acções sobre esses espaços tenta revisitar as memórias silenciosas dos mesmos. A força de projectos desta génese, apesar do pequeno público que se reuniu em torno da estátua de D. Carlos I, é no entanto inegável. É sentida a resistência em “adulterar” a memória desses espaços, quando estes são, por exemplo, defendidos pelas forças policiais que protegem estes lugares de “arquivo de identidade nacional” de quaisquer interações com o mesmo outras do que comemorativas.⁷ É ao pensar nestes locais públicos como lugares de arquivo, que nos podemos lembrar das palavras de Derrida quando nos diz “the question of the archive is not, we repeat, a question of the past. [...] It is a question of the future, the question of the future itself, the question of a response, of a promise and of a responsibility for tomorrow.” (Derrida 1996, 36).

Pensamentos e questões finais

Não retirando a verdade ao axioma que nos apresenta Steiner de que “a Europa é feita de cafés”, não é menos verdade de que esta é também feita de praças recheadas de esculturas que exaltam a hegemonia do poder político, militar e económico Europeu, forçando igualmente o esquecimento de todas as outras culturas que do seu desenvolvimento fizeram, e fazem ainda, parte.

A arte como processo criativo, mas também como processo de pesquisa e de acção poderá num momento como este ajudar a que um entendimento mais fácil entre aqueles cujo passado poderia ser representado por esculturas equestres dialoguem no mesmo espaço com os cujo passado deveria ser representado por danças ritualísticas, por máscaras de madeira

⁷ A 26 de Maio de 2018, data da primeira performance em Lisboa, com o artista angolano Kiluanji Kia Henda, a PSP terá intervindo, tentando evitar que esta prosseguisse por não respeitar a “memória” nem o “passado nacional”.

ou por cânticos intemporais. Vivenciar o espaço público através da arte, poderá ser um caminho para a desvirtualização da ideia de história como esta nos é imposta nesses espaços, dando acesso aos mesmos a outros que também os habitam mas que raramente encontram neles reflectida a sua presença.

Num momento em que os contrastes e os conflitos se tornam cada vez mais acesos, e que os ativismos tomam vozes cada vez mais extremistas, poderão ser os artistas a ocupar o espaço central da renegociação do espaço público? Pode a performance servir de mediadora entre as memórias gritantes e as silenciadas? Fará sentido, numa europa de hoje, deter nos centros nevrálgicos das suas cidades uma memória que tem tanto de fictícia como de parcial? Terminando com estas questões, a importância de projectos artísticos como os de Márcio Carvalho poderão vir a ser a resposta ao que já Eduardo Lourenço nos tentava dizer na década de 70:

Nenhum português responsável se pode contentar com uma só face da Verdade, a face ‘branca’, interessada na defesa de privilégios incompatíveis com a evolução mundial e os mais elementares atributos da dignidade humana e cristã. A ausência da face ‘negra’, a sua sistemática e consciente deturpação, quando de todo não é possível fazer crer que ela não existe, falseiam até aos alicerces a consciência nacional, instalando-a num clima de repugnante hipocrisia, pois ninguém pode crer com boa-fé que não exista qualquer razão profunda do lado dos que tão encarniçadamente nos combatem (Lourenço 2014, 44).

Bibliografia

- Appadurai, Arjun. 2003. "Archive and Aspiration", in *Information is Alive*, Joke Brouwer, Arjen Mulder (ed.), pp. 14–25, (24–25).
- Brokmeier, Jens. 2002. "Remembering and Forgetting: Narrative as Cultural Memory". *Culture & Psychology*, Vol.8:15-43.
- Brokmeier, Jens. 2010. "After the archive: Remapping memory." *Culture & Psychology*, Vol.8: 15-43.
- Derrida, Jacques. 1996. "*Archive Fever*", *A Freudian Impression*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lourenço, Eduardo. 2014. *Do Colonialismo como Nosso Impensado*. Lisboa: Gradiva.
- Samuel, Raphael. 2012. *Theatres of Memory: Past and Present in Contemporary Culture*. V London: Verso.
- Steiner, George. 2015. *A ideia de Europa*. Lisboa: Gradiva.

Nota biográfica

António Pedro R. Mendes (n.1989 em Lisboa, Portugal) concluiu o seu mestrado na FCSH - Universidade Nova de Lisboa, em Ciências da Comunicação, na vertente de Comunicação e Artes sobre a temática "Pós-memória e pós-colonialismo na arte contemporânea: Uma análise dos processos de memória e esquecimento no trabalho de Márcio Carvalho no contexto do Espaço SAVVY Contemporary".

Tendo no passado integrado as equipas de Serviço Educativo do MNAA (2014-17) e do MNAC-Museu do Chiado (2015-17), desenvolveu desde o início do percurso profissional um interesse pela educação pelas artes e em como a tornar acessível aos diversos públicos.

Desde Fevereiro de 2018 membro da SAVVY Contemporary – The Laboratory of Form-Ideas, a investigação que tem vindo a desenvolver procura aprofundar as relações entre a arte contemporânea, a memória colectiva e o espaço público. Integrou a equipa de pesquisa do projecto *African-European Narratives*, projecto financiado pela EACEA- Europe for Citizens, desenvolvido pelo Centro de Pesquisa de Comunicação e Informação Digital da FCSH- Nova.

Entre os mais relevantes projectos que realizou recentemente destacam-se as exposições *Whose land have I lit on now: Contemplations on the notions of Hospitality* (Berlim, 2018), *Geographies of Imagination* (Berlim, 2018) e a produção do programa performativo *Demythologise That History and Put it to Rest* (Berlim e Lisboa, 2017-18), da curadoria de Márcio Carvalho e do grupo Colonial Neighbours. Actualmente integra a equipa de curadoria do projecto de longo termo *Spinning Triangles: Ignition of a School of Design* (Dessau,

Berlim, Kinshasa, Hong-Kong), no âmbito do jubileu dos 100 anos da fundação escola Bauhaus.

Morada institucional: Avenida de Berna, 26-C / 1069-061 Lisboa Portugal

Recebido | Received 20 03 2019

Accite | Accepted 24 03 2019